

## PREÂMBULO

### ASPIRAÇÕES E INSATISFAÇÕES

Somos levados, ao longo da vida, pelos desejos – que eles sejam satisfeitos, supridos. Se não atendidos em nossas aspirações de prazer, vem as frustrações, insatisfações, mágoas. Julgamo-nos merecedores de direitos e de que o mundo está – ou deveria estar – a nosso serviço, à nossa disposição.

As coisas, por vezes, ocorrem o contrário de que imaginamos, sonhamos. Dificilmente, na nossa concepção hedonista, narcisista, sabemos lidar com tais situações e cujos reverses nos parecem injustos, torturantes, levando muitos à revolta. Epitecto, filósofo estoico grego (55d.C-135d.C), deixou-nos gratificantes lições sobre temas desse jaez. Afirmava ele que nossa vida deve ser regida pela virtude e senso de responsabilidade e que devemos entender que algumas coisas estão sob nosso controle e outras não, mantendo nossa atenção somente naquilo que podemos controlar. “Desejo e felicidade não andam juntos”, sentenciou.

A conhecida “Oração da Serenidade” proclama: “Concedei-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar; coragem para modificar aquelas que posso e sabedoria para distinguir umas das outras”

Devemos ter um ideário, sonhos, satisfações, busca-los na ação e na transmutação, sem nos aprisionar a eles. É o que ocorre até mesmo em questões de fé íntima. Como registrou o genial escritor russo Liev Tolstói: “Na doutrina existe verdade, disso não tenho dúvida; mas também não tenho dúvida de que nela existe mentira e cabe-me encontrar a verdade e a mentira, para então separar uma da outra. A verdade acha-se amarrada à mentira por linhas finíssimas” Separar o que é dogmatismo, rigidez, legalismo daquilo que é a genuína fé, que é potencialidade, liberdade.

Não se pode pautar, pois, a existência pelo rigorismo, o emocionalismo, a excessiva severidade, ingenuidade e obviamente frouxidão ou exacerbada liberalidade. Há em tudo o meio termo, o bom senso...

### Que país é esse?

Em tempos de questionamentos morais, políticos e éticos (temas, aliás, que se misturam), muito se fala e ouve sobre a agruras do maior país da América do Sul: o nosso. Nesta edição, o Boletim Sabores & Saberes traz histórias que ilustram o descaso, o sofrimento e as dúvidas de quem mais sofre nesse cenário - sim, o povo. Importante para refletir.

Pág. 03

### Saint-Hilaire esteve aqui

O nome do botânico Auguste de Saint-Hilaire é facilmente pronunciado na História e nas descrições naturalistas do Brasil. E não haveria de ser diferente. Para além do fato de ser cânone no assunto, o francês chegou a residir em nosso território nas primeiras décadas do século XIX. Por "nosso território", aliás, entenda também o Campo das Vertentes. Há registros de que o pesquisador realizou incursões a partir de São João del-Rei passando por propriedades de diversos municípios da região.

Pág. 04

### Caminhos de São Tiago

Padroeiro da Terra do Café com Biscoito e santo de devoção para muitos fiéis, São Tiago (leia mais na página 08) deve ganhar em breve uma rota completa para os peregrinos da região. Inspirado no percurso de Santiago, na Compostela, o projeto Caminhos de São Tiago envolverá 11 municípios em 275km - e já foi abraçado por circuitos turísticos importantes do Estado. Uma deles a Trilha dos Inconfidentes. Ponto para o Turismo Religioso, ponto para a economia, ponto para a cultura, ponto para a fé.

Pág. 08

### Um futuro cada vez mais próximo. Ficção?

"O grande mérito da ficção científica é o de podermos falar de nós mesmos, da individualidade, sem barreiras. O tema, qualquer que seja ele, será subjacente, está em nós mesmos, embasado em nossos conflitos, interrogações, vivências, medos, expectativas... Mundos alternativos, criados por nossa mente presente, extrapolando tempos, lugares, realidades!"



Pág. 11

# ADIVINHAS

- 1- Qual a diferença entre o gato e a Coca-cola?
- 2- Na televisão cobre um país; no futebol, atrai a bola; em casa incentiva o lazer. O que é?

Respostas: 1- O gato mia, a Coca-Cola light; 2- a rede

## Provérbios e Adágios

- A quem tem dinheiro, não lhe falta companheiro.
- Alegria de palhaço é ver o circo pegar fogo.
- A emenda saiu pior que o soneto.
- Às vezes pequena nuvem esconde o sol.
- A preguiça é a chave da pobreza.
- A dúvida é o travesseiro do sábio.



### Para refletir

- Prefiro as lágrimas de não ter vencido do que a vergonha de não ter lutado.

(Stephanie Whinter)

- A natureza divina providenciou de modo que em qualquer parte você encontra algo para aprender.

(Leonardo da Vinci)

- No caminho da perfeição, o não avançar é recuar e o não ganhar é perder.

(São João da Cruz)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

## AO PÉ DA FOGUEIRA

### AGUARDE UM MINUTO! ...

O marido viera da zona rural buscar socorro. Povoado há uns quatro, cinco quilômetros. Levava tempos, utilizando-se de um cavalo, para chegar à cidade. A mulher em situação de parto, acometida de incontável hemorragia, assistida tão somente por uma parteira das adjacências. Quadro desesperador, gravíssimo, ele próprio testemunhara, tão logo bate, esbaforido, à porta da casa do taxista.

Cidade sem maiores recursos; sem médico, sem hospital à época. Sequer uma ambulância. Necessário deslocar a parturiente até Bom Sucesso, onde Dr. Ari, o anjo médico da região, pontificava. O taxista, de pronto, às pressas, enfia uma roupa melhorada, calça a botina ringideira, dirige-se à garagem, donde retira o veículo, uma Rural Willys, dando imediata partida. Diz ao recém-chegado, abrindo-lhe a porta do lado do caroneiro:

- Vamos! Vamos!

- Aguarde-me um minuto... ainda tenho algumas providências e pendências a resolver... Preciso aproveitar a estadia na cidade...

- Entre, rápido! ...

- Tenho que comprar um saco de açúcar, dar um recado ao compadre Nhozinho...

- Mas não há tempo a perder! Vamos...

O lavrador, a essa altura, já estava longe. Embarafustara-se rua afora, trombando com transeuntes, saracoteando-se todo, um tortuoso andar, dali adentrando um comércio das redondezas. Em mente: comprar o saco de açúcar, um isqueiro novo, quinquilharias...

Por lá, vão se preciosos minutos. E muita conversa fiada. O homem e parentes, aliás, eram famosos por gostar de um papo, de tecer assuntos, conversa mole, enquanto enrolavam intermináveis cigarros de palha, as horas passando, encostados num moirão, pelos altos de capões e socavões, serviço próprio ou para terceiros entregues às baratas, que, na prática, pouco ou nada rendiam no eito...

Desespero total para o taxista, já acostumado a atender casos dessa natureza. A custo, consegue retirar o homem do local, praticamente uma hora se passara, até ganharem a sinuosa estrada. Chegados ao sítio, a mais dramática situação. Parteira e outros familiares adultos, que para lá correram, tentando por todas as formas, sustar a hemorragia. A mulher, ainda relativamente jovem, em estertores, suores às bagas. O bebê tinha sido já retirado, a salvo. Um bando de crianças, ali assustadas e aos prantos, vendo a agonia da mãe, toda uma barafunda de gente, preces, velas acesas ao pé dos santos, lamentos...

Coloca-se a senhora no veículo.

Horas ainda para se chegar ao destino. Estrada de terra, lamaçal por todos os lados, barreiras de galhos quebrados sobre o caminho ali lançados pela tempestade da véspera, mata-burros e pontes em péssimas condições, pois é isso que o poder público – apesar dos milhões arrecadados, há séculos – sempre nos oferece...

Dr. Ari, tão logo vê a paciente, aplicando ainda no corredor os primeiros e urgentíssimos socorros – a pobre mãe, praticamente sem sangue, sem pulso e que deixaria inúmeras crianças órfãs – diz ao taxista:

- Caso perdido. Se tivessem chegado aqui há uns vinte, trinta minutos, muito certamente conseguiríamos salvá-la.



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



# COMO ENTENDER

# ESSE PAÍS?

• A senhora, com duas crianças de seus 2 e 3 anos ao lado, expõe seu problema. Procurará o órgão público responsável para a matrícula de suas filhinhas na creche do bairro e fora informada de que somente poderia inscrevê-las (ou seja, matriculá-las ou de que seriam franqueadas as vagas), mediante a comprovação de que ela, mãe, estava trabalhando. Não tinha aquela mãe, contudo, com quem deixar as crianças – avós e irmãs moravam em outras cidades. O marido trabalhava ao longo do dia em fazendas da região.

Ela, por sua vez, só poderia arrumar serviço caso estivesse liberada do compromisso com as filhas, durante o dia, período em que as meninas estariam frequentando a creche. Para o órgão público, a mãe tinha (tem) que comprovar que estava trabalhando. Como trabalhar, conseguir o serviço, sem ter onde deixar as crianças?!

Serviço até não faltava e não falta: trabalho em fábricas da localidade, apanha de café, serviços de diarista.

Para a estarecida mãe, só haveria vagas – assim exigia a creche - caso ela comprovasse já estar trabalhando e decerto, teria que deixar as crianças por aí, ao léu, ao deus dará. Afinal, pergunta-se, o objetivo maior da creche não é atendimento à criança – ou não?

Sem comentários...

• Aquele jovem brasileiro sempre trabalhara como autônomo. Mesmo assim, se vira obrigado a tirar carteira de trabalho, documento, aliás, para ele desnecessário e ademais, inexistente em dezenas e dezenas de outros países. Sua carteira, contudo, viria a se extraviar, tendo o portador, à época, formulado o devido BO (boletim de ocorrência policial).

Transferindo-se para o exterior, ali continuaria a trabalhar por conta própria (free lancer), em países onde não se conhece sequer o que é carteira de trabalho. Documento inexistente. Eis que é contratado para prestar serviços no Brasil, à época das Olimpíadas. Ora aqui chegando, o 1º documento solicitado, a ser apresentado é carteira de trabalho. Obrigatório. O rapaz desloca-se a uma repartição do Ministério do Trabalho no centro do Rio de Janeiro, requisitando uma nova carteira ou 2ª via, recebendo a incrível resposta: Somente poderia ser emitida nova carteira desde que fosse apresentada fisicamente a carteira antiga. O moço apresenta cópia do BO, explica que sua carteira se extraviara, há anos, em Belo Horizonte (cidade onde então residia), antes de se transferir para o exterior. Inúteis todos os esclarecimentos, requerimentos, tratativas, conversas com inúmeros funcionários dos mais diversos escalões. Empurrado para todos os lados. Nova carteira só se fosse apresentada a antiga!!!

Prazo se esgotando para apresentar a carteira junto à firma contratante (aliás empresa estrangeira). Perderia a oportunidade de trabalhar em seu país natal. Alguém sugere-lhe procurar a repartição federal que lhe fornecera, anos antes, a carteira (aquela que viria a se extraviar), o que implicava deslocar-se a Belo Horizonte. O rapaz compra passagem aérea, surgindo, ao amanhecer, na bela capital mineira. Vai à

repartição indicada. A mesma lereia, o mesmo quiproquó do Rio de Janeiro e com um agravante (ou quem sabe, atenuante, dentro da loucura instalada no sistema público: é informado de que somente o Ministério do Trabalho em Brasília poderia resolver aquele nó – e que para lá ele se dirigisse!) Coisa de loucos...

A esse tempo, com ajuda da família, recorrera a despachantes, advogados, deputados, conhecidos (até uma alta patente militar foi envolvida, que, após dois dias tentando ajudar, disse que preferia enfrentar bandidos ou estar no front de uma guerra do que lidar com a burocracia federal), tudo no intuito de se resolver o imbróglio. Em vão.

O rapaz, de propósito, passa a frequentar diariamente a repartição, onde tirara a carteira pela primeira vez, ao longo de todo o expediente. Ele e seu problema – na verdade, uma grotesca e vergonhosa piada - já era ali de todos conhecido. Prazo se esgotando. Lá pelo 5º ou 6º dia, torna a conversar com uma das funcionárias daquela agência. Ela pede-lhe para aguardar o fim do expediente. “Vou ver o que posso fazer a seu respeito”. Dali a pouco, aproximando-se as 16:00h, a jovem funcionária – uma fada em meio ao inferno da burocracia – chega com uma carteira de trabalho novinha, entregando-a ao rapaz, a essa altura, apalermado, estarecido e ao mesmo tempo agradecido, ante os absurdos da burocracia reinantes em seu pobre País, e já na expectativa de perder valiosa oportunidade de trabalho em seu próprio País – o nosso Brasil, século XXI...

• O jovem cidadão, após concluir o ensino básico na capital, passa a residir em imóvel de familiares na pequena cidade natal. Portador de carteira de motorista amador e de moto, dirigindo habitualmente pelas estradas do País, decide se inscrever e se habilitar a uma carteira profissional (direção de caminhões). Objetivos meritórios de melhoria do currículo e de sua capacitação pessoal-profissional.

Ao se dirigir à repartição credenciada, é-lhe exigido, para fins de inscrição, um documento inequívoco de residência: conta de água, energia elétrica ou telefone fixo. O jovem esclarece sua condição (estar residindo em propriedade de familiares) e pergunta se poderia levar um contrato de locação ou de consignação do uso do imóvel, uma declaração de autoridade local ou outra forma de comprovação de residência, por exemplo uma declaração de próprio punho com testemunhas, registro em cartório etc. algo, enfim, que pudesse satisfazer os zelosos responsáveis daquela repartição.

Inútil. Ou levasse uma conta de água ou energia elétrica ou ainda telefone onde constasse alto e bom som, com todas as letras, o nome do jovem e seu respectivo endereço domiciliar, como consumidor-contribuinte do Estado ou nada feito. Fim de papo.

Ouvindo uma história dessas, em si estarecedora, ficamos a pensar no que acontece de abusos diários, às centenas, contra o cidadão, por esse Brasil afora. Fica a pergunta: estamos, acaso, num país de doidos ou quem sabe, dentro de um rígido regime comunista, à la Stalin ou Fidel Castro, onde não se podia locomover de um lugar para outro, sem ordem de algum burocrata oficial?! Tudo carimbado, tudo normatizado, o cidadão é visto apenas como um robô, um contribuinte, um otário.

Uma declaração de próprio punho do cidadão não resolveria o problema? Aliás, por que o Estado deseja saber onde estou morando? Por que somente contas de água, luz ou telefone?

Enfim, nesse País, a palavra do cidadão nada vale!!! Até quando?!

# O CIENTISTA AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE e sua passagem por nossa região em março de 1819 ou seja há exatamente 200 anos

O naturalista e botânico francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) residiu entre 1816 e 1822 no Brasil, período em que viajou, pesquisou e muito escreveu sobre o nosso País, a quem muito admirava. Ele chegou ao Rio de Janeiro em 01-06-1816, acompanhando o Duque de Luxemburgo, embaixador da França junto à Corte de Portugal, tendo saído do Porto de Brest no dia 01-04-1816 a bordo da fragata Hermione. Durante seis anos ininterruptos, enfrentando condições precárias, rudes caminhos, as mais severas privações<sup>(1)</sup>. Saint-Hilaire empreenderia várias viagens pelo interior de nosso País, alcançando ainda o norte do Paraguai e o Uruguai, colhendo informações principalmente sobre botânica, sua especialidade científica. Percorreria cerca de 2.500 léguas, aproximadamente 16.500 km, coletando e catalogando mais de 30.000 exemplares de plantas de 7.000 espécies diferentes, dentre as quais 4.500 eram, até então, desconhecidas. O cientista e sua tropa percorriam uma distância média de 2 a 3 léguas por dia (a légua da época correspondia a cerca de 6,6km) Sua valiosa e volumosa obra ainda hoje é estudada, consultada e citada no ensino de botânica das universidades europeias, inclusive a Sorbone.

Era um observador minucioso, obcecado em prestar o máximo de informações ao seu leitor. Dessa forma, seus relatos são sempre enriquecidos com lições e conteúdos de História, Zoologia, Geografia, Sociologia, Antropologia. Mesmo quando descrevia as mazelas de nosso País daquela época – e que não mudariam muito até os dias atuais – o fazia de forma respeitosa, sempre demonstrando carinho e preocupação para com o futuro de nosso País. Muitas vezes, nos defendia, corrigindo informações depreciativas feitas por outros viajantes estrangeiros.

Observa, em seus apontamentos, os mais diversos aspectos: geografia, estatística, comércio, agricultura, artes, vida religiosa, administrativa e judiciária, costumes e usos do civilizador, dos índios e escravos. Faz referências, àquela época, da degradação ambiental provocada pela mineração de ouro. Lamenta-se em suas anotações: “O metal precioso não se reproduz como os frutos e os cereais e, revolvendo imensas extensões, despojando-as do seu húmus pela operação das lavagens esterilizarem-nas para sempre” Como os demais viajantes europeus, horroriza-se com as queimadas da mata virgem e comenta: “Árvores gigantescas, incendiadas pelo pé, tombavam com fragor, quebrando outras, ainda não atingidas pelo fogo. Depois, sobre o chão em cinzas onde fora a mata virgem, os destroços dos galhos e dos troncos reduzidos a carvão. E tudo isso o sertanejo faz para colher alguns alqueires...” Profético e otimista com nosso País, escreveu: “Cidades florescentes tomarão o lugar de cabanas miseráveis, onde eu apenas encontrei abrigo e nesse porvir, os seus habitantes hão de ver nos escritos dos viajantes não só como as cidades principiaram, mas também como nasceram os menores lugarejos. Tomadas de espanto, as gentes saberão que onde ressoa o ruído dos martelos e as mais complicadas máquinas, só se ouvia outrora o coaxar de batráquios e o canto dos pássaros, onde imensas plantações cobrirem a terra, dantes cresciam árvores admiráveis, muitas delas inúteis pela abundância. Olhando regiões percorridas por locomotivas, talvez por veículos ainda mais possantes, os homens vão sorrir, ao ler que noutros tempos se considerava feliz quem durante um dia inteiro lograva avançar quatro ou cinco léguas”.

**EM NOSSA REGIÃO** - Saint-Hilaire<sup>(2)</sup> passou por nossa região

em março de 1819. Em seu livro “Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e à Província de Goiás”, publicado em Paris em 1847, detalha, de forma narrativa, o percurso feito entre a região de São João Del-Rei, Oliveira e Itapecerica (quadros VII e VIII da referida obra, por ele intitulados respectivamente “Quadro Geral da Região Montanhosa e Deserta situada entre São João Del-Rei e a Serra da Canastra” e “Início da Viagem de São João Del-Rei às nascentes do São Francisco. Os povoados de Conceição (da Barra) e Oliveira”.

Para chegar à nossa região, oriundo da Província do Rio de Janeiro, Saint-Hilaire seguiu/acompanhou, em território mineiro, o roteiro da chamada “Estrada Real do Comércio”, que interligava São João Del-Rei ao Rio de Janeiro. Para tanto, atravessou terras dos atuais municípios de Rio Preto, Bom Jardim de Minas, Aiuruoca, Andrelândia, atravessando o Rio Grande, São Vicente de Minas, Madre de Deus, São João Del-Rei<sup>(3)</sup> Conceição da Barra, São Tiago, Oliveira, Camacho, daí a Itapecerica, Formiga, Córrego Fundo, Pimenta, Pium-i, Vargem Bonita, São Roque de Minas chegando à Serra da Canastra.

As fazendas de nossa região atravessadas por Saint-Hilaire, tendo pernoitado em algumas delas, eram, via de regra, pontos de paradas de tropas e descanso de tropeiros ou ainda entrepostos para viajantes que se dirigiam aos inóspitos sertões ou ao litoral. Sem dúvida, importantes rotas, em que todo o transporte para Goiás passava por suas (nossas) portas e cujas trilhas, muitas delas hoje em ruínas, guardam e testemunham ainda – como pontos referenciais que são – a nossa cartografia histórica, humana, imemorial, a nossa Minas dos desbravadores, lavradores, tropeiros, sonhadores...

Alguns trechos ou referências quando de sua passagem por nosso meio: “Quando, depois de passar a noite na Fazenda do Tanque, quisemos partir, procuramos inutilmente o tocador que o Alferes José Pereira da Silva me tinha arranjado. Ele tinha fugido. Na verdade, o homem me havia acompanhado obedecendo a uma ordem de seu superior, mas eu lhe havia prevenido que pagaria 100 réis por dia. Além do mais, estava desempregado havia muito tempo. Mas, por que iriam trabalhar esses homens, se em toda parte encontram gente que lhes dão alimento a troco de nada? Vimo-nos forçados a partir sem tocador. Ao alcançar o cume das colinas que dominam o vale onde está situada a Fazenda do Tanque, descortinei uma vasta extensão de terras montanhosas, em que as matas predominam sobre as pastagens. Depois de andar meia légua, cheguei ao arraial de Conceição (da Barra)” (Observação: a Fazenda do Tanque fica no atual município de Conceição da Barra de Minas)

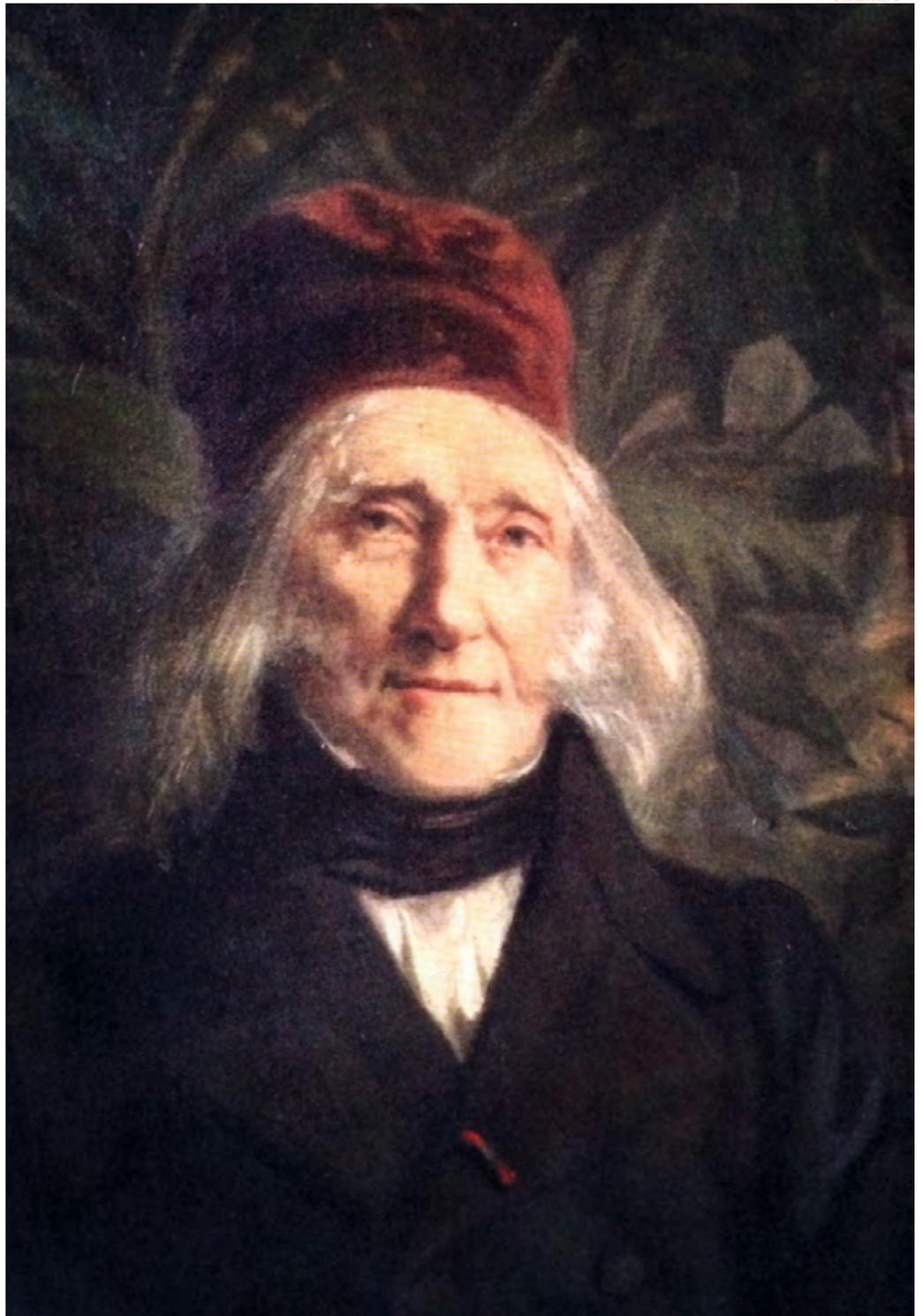
Informa o autor, mais adiante, que o povoado de Conceição da Barra teve origem na prospecção de ouro que existia às margens do Rio das Mortes. As lavras esgotaram-se e os habitantes que podiam, mudaram-se do local, que ficou sendo habitado por “pessoas de cor”. Faz menção ao grande número de mulatas prostitutas que “viviam da venda de seus encantos”. As casas, em torno de uma centena, eram pequenas, baixas, algumas cobertas de telha. Causou espanto ao cientista encontrar ali uma igreja exageradamente grande e suntuosa para o tamanho do lugar. Era repleta de ornamentos, de duradouras e belas pinturas em sua maioria retratando milagres de Nossa Senhora da Conceição, existindo ainda na localidade uma outra igreja, de menor valor. Apesar da miséria reinante, o autor relata o bonito efeito do conglomerado de casas,

quebrando a monotonia da paisagem circundante.

Prosegue descrevendo a sua passagem pelas fazendas do Capão das Flores<sup>(4)</sup> Laranjeiras até a Fazenda do Capitão Pedro (região de Taboões/Carapuças), no atual município de São Tiago. Anota; "...muito antes a região já se mostra escassamente povoada. Entre a Fazenda do Capão das Flores, distante seis léguas e meia do Rancho do Rio das Mortes e a do Capitão Pedro, encontrei apenas uma única propriedade, num percurso de duas léguas e meia. No dia seguinte, encontrei apenas uma pessoa no caminho e no outro não vi absolutamente ninguém". Em seu itinerário, como vimos, pouco gado e sinal de vida. Pernoita na Fazenda do Capitão Pedro, onde deram-lhe como aposento um estábulo escuro, mal cheiroso, forrado com estrume de gado. Reclamou então, ousadamente, ao proprietário das condições do local de hospedagem, apresentando para tal sua credencial especial emitida pelo rei, sendo então convidado a dormir na casa sede num aposento mais adequado. A Fazenda do Cap. Pedro (Cap. Pedro Duarte de Faria - 1786-1832 - Taboões/Carapuças) tinha – segundo Saint Hilaire - duas léguas de extensão onde eram cultivados milho, feijão, arroz, criação de porcos, além de plantações de algodão e cana de açúcar.

Da Fazenda do Cap. Pedro, o cientista dirige-se a Fazenda Vertentes do Jacaré<sup>(5)</sup> onde pernoita, dali segue em direção a São João Batista (Morro do Ferro) e a Oliveira. "Entre a fazenda das Vertentes do Jacaré e o arraial de Oliveira, distantes três léguas e meia, as terras montanhosas e cortadas de matas e pastagens apresentam vastas e despovoadas extensões. Não encontrei ali um único viajante, não vi um único boi, tendo notado a presença de apenas duas propriedades, uma ao longe e outra à beira do caminho. Na véspera, eu havia subido sempre, mas nesse dia o caminho começou a descer abruptamente, de uma forma muito pronunciada. Pouco depois atravessei por uma ponte de madeira em péssimas condições, como de resto são todas as da região do Rio Jacaré, que nasce na fazenda onde eu passara a noite e lhe dá o nome (Fazenda das Vertentes do Jacaré). Eu tinha subido o morro para chegar às nascentes desse rio e em seguida descera para me achar de novo às suas margens. Pouco antes de chegar ao arraial de Oliveira atravessei um pequeno vale muito aprazível, de onde já podia ter uma visão do lugarejo ao longe e no qual já se viam algumas casinhas. Em Oliveira, vi-me num rancho imundo, misturado com tropeiros de todas as cores. Havia sacos de algodão amontoados em todos os cantos e cangalhas empilhadas umas sobre as outras. Dois ou três fogões rústicos cozinhavam a comida dos tropeiros. Uma dezena de pessoas nos rodeou, maravilhadas com a paciência de José Mariano em preparar os animais para empalhar.

Os mineiros têm uma acentuada aversão por viagens marítimas,



mas em compensação gostam de viajar por terra. A liberdade desfrutada nos ranchos agrada especialmente aos jovens. Depois de uma jornada fatigante, eles saboreiam o repouso estendidos dispostamente sobre couros e se divertem tocando violão ou cantando suas aventuras<sup>(6)</sup>.

No capítulo VII do livro, Saint-Hilaire se ocupa, dentre outros assuntos, do itinerário entre a Fazenda Vertentes do Jacaré (que se situava entre as divisas dos atuais municípios de São Tiago com Oliveira, provavelmente no lugar "Batalha") até a povoação de Oliveira, narrando a sua passagem por São João Batista (Morro do Ferro): "...para chegar a essa terra, tomei a direção oeste-quartanoroeste e andei cerca de 45 léguas. A região que percorri então forma uma espécie de crista e deve ser forçosamente muito elevada, pois se acha situada entre as cabeceiras do Rio Grande e as nascentes dos primeiros afluentes do São Francisco. Sabe-se, aliás, pelas observações barométricas de Eschwege que a Fazenda do Vicente, localizada a quatro léguas da pequena cidade de Ta-

manduá, situada a beira da estrada, tem uma altitude de 551 metros acima do nível do mar e que a vila de São João Batista, cinco léguas distante de Oliveira, onde passei, fica a uma altitude de 994,8m” O autor descreve a região como bastante montanhosa, apresentando algumas pastagens, além de matas e uma densa floresta nas proximidades de Tamanduá (Itapecerica).

“Oliveira ou Nossa Senhora de Oliveira, onde passei a noite, pertence à Paróquia de São José, uma pequena cidade situada, como já disse antes, a duas léguas de São João Del-Rei. O arraial conta-se entre os poucos que não devem sua fundação à presença de ouro em suas terras. Sua existência se deve unicamente às vantagens de sua localização. De fato, várias estradas importantes passam pelo lugarejo; a que vai de Barbacena ao arraial de Formiga; a que liga a região do Rio Grande à cidade de Pitangui; a que vai do Rio de Janeiro e São João Del-Rei a Goiás, a da vila de Campanha a Formiga etc.

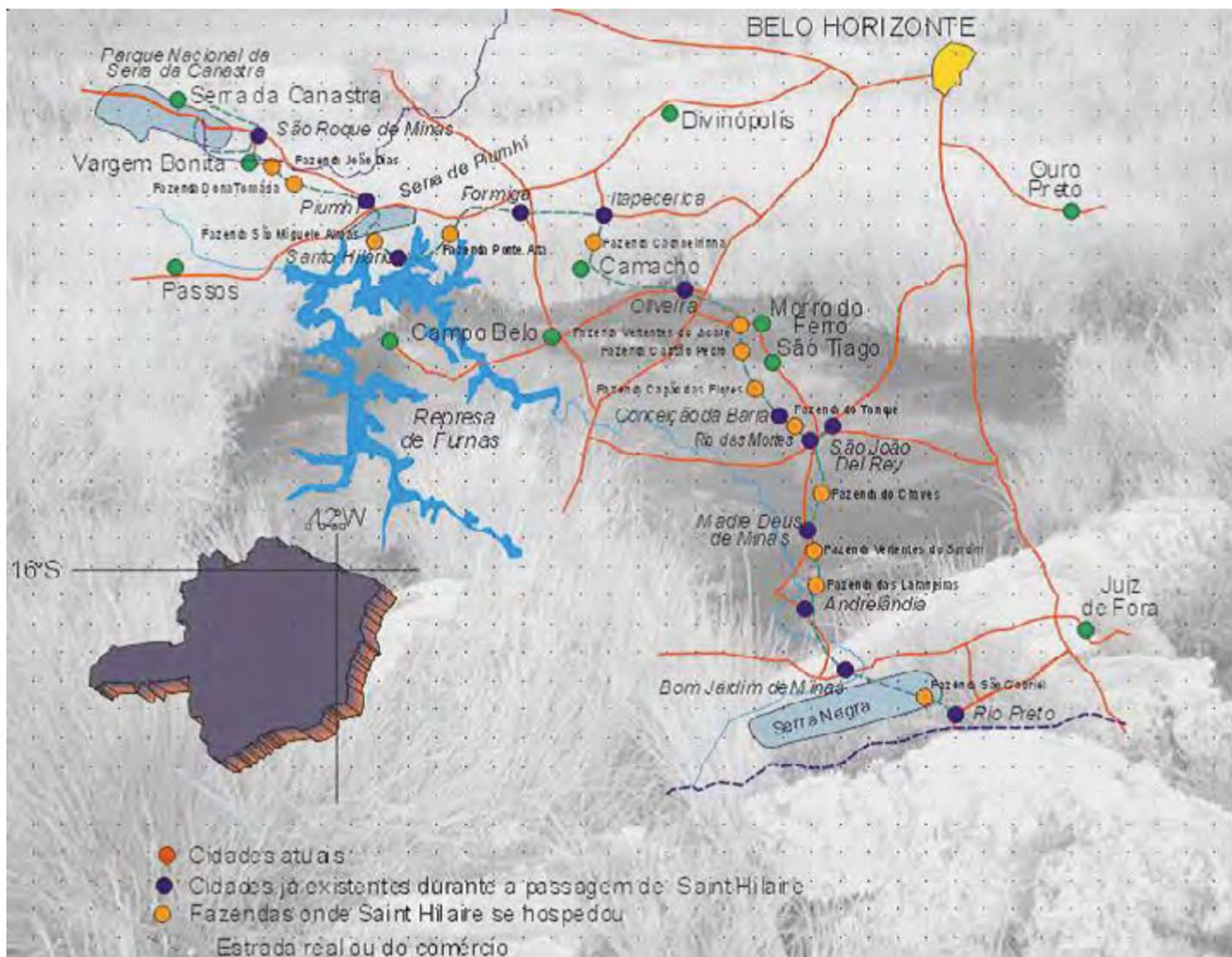
O povoado é rodeado de morros e está situado ao alto de uma colina de cume achatado. É composto de duas ruas, sendo a principal bastante larga. A maioria de suas casas é de um só pavimento, mas cobertas com telhas e bastante amplas para os padrões da região. De um modo geral são caiadas, com portas e janelas pintadas de amarelo e emolduradas de cor-de-rosa, o que forma um contraste bastante agradável com as paredes brancas. Uma grande parte dessas casas, mesmo as mais bonitas, só são ocupadas no domingo, pois pertencem a fazendeiros que passam o tempo todo em suas terras e só vão ao povoado nos dias em que a missa é obrigatória.

Oliveira conta com duas igrejas, sendo que a mais importante foi construída numa elevação no centro da rua principal e a igual

distância das fileiras de casas. É uma igreja muito bonita no seu interior. Para orná-la, foi empregada uma pedra de uma bela tonalidade verde, que o mineralogista Pohl afirma tratar-se de talco petrificado. Encontram-se em Oliveira várias lojas de tecidos e armarinhos com variado estoque, além de botequins, uma farmácia e dois albergues, cada um com seu rancho. Há também alfaiates, sapateiros, serralheiros etc.

Em nota de rodapé, Saint-Hilaire observou: “As casas de Oliveira não são palácios, mas vê-se pelo que descrevo aqui, que não merecem o nome de choças que lhes dá Pohl. Não concordo igualmente com esse autor nem com Eschwege quanto ao número de ruas que há em Oliveira, pois ambos afirmam que ali só existe uma”.<sup>(7)</sup>

Prossegue o autor a descrever a sua saída de Oliveira, rumo à Fazenda do Bom Jardim, em cujo percurso observou pouco gado nos pastos e que na mencionada fazenda existia um engenho de açúcar. A partir daí relata seu trajeto pela Fazenda Cachoeirinha até atingir Tamanduá (Itapecerica). Observa que a qualidade das pastagens ali era “inferior às existentes no distrito do Rio Grande”, onde vigorava o capim-flecha, gramínea de ótima qualidade, anotando ainda ter visto árvores raquíticas e retorcidas, típicas do cerrado, comparando-as com as que ele tinha visto no norte de Minas Gerais. Informa, ademais, que o povoado de Formiga distava 24 léguas de São João Del-Rei e que dali adiante só existia “o sertão”; relata a existência de algumas lavras de mineração em Tamanduá e Pium-i, além de grandes criações de porcos e gado. Esclarece a respeito: “...logo depois de passar pela propriedade do Capitão Pedro, situada a nove léguas do Rio das Mortes, vi em todas as fazendas um grande número de suínos. São eles que constituem a principal riqueza dos arredores de Formiga”.



## NOTAS

(1) *Saint-Hilaire em suas intermináveis andanças por nosso País, teve que vencer a escassez de alimentos, o cansaço, as privações; locomovia-se a cavalo ou ainda a pé; dormia em fazendas, currais, ranchos cobertos de palha, tendas improvisadas, em redes ou ainda sobre couros de boi que transportava. Teve que perder o medo de animais selvagens, suportar mosquitos e dividir a vigília com os demais companheiros de aventura. Transformou a sua mala de viagem em cadeira e mesa para as suas anotações. Comia o mesmo que os tropeiros e moradores, como a jacuba (farinha de milho e rapadura) e à noite, jantar à base de feijão, toucinho, arroz e mandioca. Os companheiros faziam uso da cachaça. Por largos anos, não houve pátria, família ou amigos que falassem o seu idioma. Considerava o Brasil a sua “segunda pátria”. Apontava nossos erros, não se esquecendo de sábios conselhos para repará-los. Em um dos trechos da obra “Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e à Província de Goiás” desabafou: “Quanto a mim, se vier a saber que meus fracos apelos foram ouvidos, que alguns dos conselhos que aqui dou timidamente produziram frutos, jamais lamentarei ter passado perdido nos sertões, em meio a privações sempre renovadas, os mais belos dias de minha existência. Não lastimarei a perda de minha saúde, pois poderei dizer: paguei a dívida da hospitalidade e minha passagem pela terra não foi inútil”*

*Saint-Hilaire voltou para a França em 1822, com o sistema nervoso profundamente abalado, após ter sido envenenado por mel de vespa, ai instalando-se no sul do País natal, falecendo em 1853, aos 74 anos.*

(2) *Auguste de Saint Hilaire nasceu em Orléans aos 04/10/1779 e faleceu em Turpiniéri, França, aos 30/09/1853. Atribui-se a ele a seguinte frase: “Havia um País chamado Brasil, mas absolutamente não havia brasileiros”. Muitas personagens brasileiras, no entanto, são significativas em seus relatos. Uma dessas pessoas, Felisberto, o hospedou e o guiou até a Cachoeira da Casca d’Anta, nascente do Rio São Francisco, deixando profundas marcas na alma do cientista. “Embrenhamo-nos na mata e dentro em pouco começamos a ouvir o barulho da cachoeira. De repente, avistei o seu começo e logo em seguida, pude vê-la em toda a sua extensão. O espetáculo arrancou de José Mariano e de mim um grito de admiração. É essa a nascente do São Francisco!”*

*“...Felisberto, se ainda está vivo, não deve mais se lembrar do estrangeiro que um dia lhe foi pedir abrigo. Quanto a mim, ainda me parece ouvi-lo cantar com calma as afrontas e vexames de que teria sido vítima. Os exemplos de honestidade e de virtudes não são tão comuns para que possamos facilmente esquecê-los”, escreveu Saint Hilaire quando já na França.*

(3) *No atual povoado de Santo Antônio do Rio das Mortes, Saint-Hilaire se instalou por vários dias, em função de problemas de saúde de Yves Prégent, seu companheiro de expedição e empalhador oficial de animais do grupo (taxidermista), vitimado por implacável febre. Já em São João Del-Rei, o cientista enfrentaria muitos outros dissabores, dentre eles a morte de seu amigo Prégent, obrigando-o a se instalar num albergue de última categoria. Sairia de São João Del-Rei em 19-03-1819 em direção à nossa região.*

(4) *Segundo o autor, a Fazenda Capão das Flores fora construída nas encostas, defronte a um vale profundo. Os geólogos Antonio Liccardo e Julio César Mendes, autores da obra “Saint-Hilaire nas nascentes do Rio São Francisco” (Ouro Preto, 2001) anotaram: “Há cerca de dois anos (1999), a Prefeitura do Município de São Tiago retirou mais de 100 caminhões de pedras das ruínas da fazenda para o calçamento das ruas” Não só autoridades, mas “os fazendeiros são completamente alheios à preservação de monumentos históricos e muitas vezes do meio ambiente” Fica o registro, sem retoques...*

*A Fazenda do Capão das Flores, à época da passagem de Saint-Hilaire, provavelmente seria propriedade de Maria Joaquina da Silva, filha natural do proprietário anterior Joaquim da Silva Campos, solteiro, com sua escrava Gertrudes Maria de Jesus. Joaquim da Silva Campos, falecido aos 10/04/1813, com testamento redigido na Fazenda do Capão das Flores aos 26/02/1813, em que Maria Joaquina é mencionada com idade de 10 anos e na condição de única herdeira. Na composição do inventário em São João Del-Rei em 05/03/1826, Maria Joaquina da Silva está casada com José da Silva Flores “cabeça de sua mulher Maria Joaquina da Silva, única herdeira do inventariado Joaquim da Silva Campos”*

*Já a Fazenda das Laranjeiras era, em 1819, propriedade do Pe. José dos Santos de Faria (1788-1835), irmão, por sua vez, do*

*Cap. Pedro Duarte de Faria (1786-1832) mencionada por Saint-Hilaire simplesmente como “Fazenda do Capitão Pedro”.*

(5) *Da Fazenda do Capitão Pedro, ainda subsistem ruínas, hoje em divisas das fazendas do sr. Eustáquio Resende e D<sup>a</sup> Conceição Mata. Já a Fazenda das Vertentes do Jacaré, para alguns, seria no lugar “Batalha” (que segundo a oralidade era, no século XIX, um pequeno e movimentado núcleo populacional, à beira da estrada para o “sertão”) ou há ainda quem aponte as antigas Fazenda do Gajé ou do Ouro Fino, pouco improvável, divisas entre São Tiago e Oliveira, cujos córregos são formadores do Rio Jacaré. É de se relevar que praticamente todos os roteiros de viajantes que passaram por nossa região confluíram para São João Batista (Morro do Ferro) como os de Saint-Hilaire, Johann Emanuel Pohl (que ali passara em outubro de 1818), Von Eschwege (1816), as expedições de Inácio Pamplona (1769), do General Cunha Mattos etc.*

*O historiador Vinicius Mata aponta que provavelmente a Fazenda fosse denominada resumidamente como “Jacaré” e esclarece: o próprio Cap. Pedro Duarte de Faria, conforme mencionado em seu inventário (1832), tinha “terras sitas na Fazenda do Jacaré”; o historiador cita ainda a Fazenda “Vão do Jacaré” que fora propriedade de Caetano de Carvalho e s/m Ana Maria Joaquina (inventários 1825 e 1834) de sua filha Maria Vicência Duarte (1869) e de Petronilha Carolina de Jesus, irmã do Cap. Pedro (inventário 1836).*

*Em conversa com moradores mais antigos e experientes locais, todos são unânimes em afirmar que das fazendas da época (inícios do séc. XIX), no entorno das nascentes do Rio Jacaré, a mais setentrional delas e mais próxima linearmente a São João Batista (Morro do Ferro) seria a da Batalha. Caso Saint-Hilaire optasse por pernoitar em outras fazendas no citado itinerário – como exemplo as fazendas do Ouro Fino e Gajé – ele teria que estender a jornada por cerca de mais 10 a 12 km, o que parece improvável. Fica, contudo, a indagação: qual seria a tal “Fazenda Vertentes do Jacaré”? Oportunamente, ante pesquisas e dados coletados por estudiosos, decerto que novas informações surgirão.*

(6) *O autor é, por vezes, ríspido quanto aos moradores de nossa região, o que se estende ainda aos do chamado “sertão”, em especial no tocante à sanidade das moradias, à indolência contumaz e aos hábitos sociais e civilizatórios. “Eu já disse que os lavradores da Comarca do Rio das Mortes eram mais desleixados com suas casas do que os fazendeiros dos distritos auríferos.” Descreve as sedes de fazendas em condições miseráveis, embora ricos os proprietários. “Em meio a várias casinhas que serviam de celeiros e senzalas, a dona da fazenda ocupava uma miserável cabana construída sem os os mínimos requisitos de estética e conforto, cujo mobiliário consistia apenas numa mesa e alguns bancos rústicos” “Os moradores dessas fazendas não se parecem em nada com os mineiros das comarcas de Sabará, Serro do Frio e Vila Rica. São homens grosseiros e ignorantes. Suas maneiras se parecem bastante com as dos nossos campônios da França, mas são muito menos ativos e joviais (...) Não se encontram entre eles a generosa hospitalidade que é tão comum em outras partes da Província de Minas Gerais...” “Companheira de todos os vícios, a indolência é uma das principais chagas dessa região” “A população permanente das vilas é com efeito em grande parte composta, em toda a Província de Minas, de homens ociosos e prostitutas e nos ranchos dos mais humildes lugarejos presença-se uma vergonhosa libertinagem...” “Além do prazer da ociosidade, encontram outra vantagem nessa vida nômade e independente: a de subtraírem a todas as obrigações cívicas e em especial ao serviço militar. No sertão, as autoridades não podem exercer nenhuma vigilância, as leis perdem a sua força e muita gente para ai acorre de outras partes da Província, seja para escapar à perseguição da justiça, seja ainda para usufruir de uma liberdade ilimitada” O autor censura ainda os religiosos, ocupados com seus interesses mundanos, descuidando da formação moral e religiosa dos moradores. “Os eclesiásticos, porém, não se dedicam a instruir os fiéis, e comumente escandalizam-nos por sua conduta irregular”*

(7) *O viajante e cientista Johann Emanuel Pohl, de origem tcheco-austriaca, passou por nossa região em outubro de 1818. Ver matéria em nosso boletim CXXIX – junho/2018.*

*Já o mineralogista alemão Wilhelm von Eschwege passou por nosso território em agosto de 1816 (trataremos de sua passagem em um próximo nº do boletim).*

*Expedição de Inácio Correia Pamplona (1769) – ver matérias em nosso boletim nº XCVIX – Dez./2015. Sobre as passagens do General-brigadeiro Raimundo da Cunha Mattos ver matéria no boletim nº CIV – maio/2016.*

# SÃO TIAGO: FÉ E CULTURA COMO ELEMENTOS VIVOS DOS CAMINHOS DA HISTÓRIA

*As identidades de um povo registram marcas que se cruzam em diferentes períodos. Em São Tiago, sagrado e profano constroem a interseção de uma comunidade em formação desde o século 18*

Conhecida como a “Terra do Café-com-Biscoito”, São Tiago possui cerca de 11 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE. Distante 208 quilômetros da capital mineira, Belo Horizonte, o município está localizado na microrregião dos Campos das Vertentes, tendo, dentre outros, São João del-Rei e Tiradentes como vizinhos.

O início do povoamento são-tiaguense se costura à história do período aurífero de Minas Gerais, no século 18. Conforme registra a narrativa oral, foram dois irmãos espanhóis que primeiro se estabeleceram na localidade. Eles teriam encontrado uma porção de ouro na região da atual Fazenda das Gamelas e Várzea Grande.

A narrativa dos pioneiros conta ainda que, se o empreendimento minerador fosse bem-sucedido, os irmãos ergueriam uma capela como pagamento de promessa feita ao apóstolo Tiago, dos quais os dois eram devotos.

Não por acaso, em 02 de dezembro de 1761, o bispo de Mariana, Dom Frei Manuel da Cruz, chancelou o primeiro documento escrito do povoado. O Texto permitiu aos moradores do local erguerem uma ermida em honra a São Tiago, já cultuado na Espanha desde o século 07.

Vem também do século 18 um tesouro que celebra a fé e a cultura locais. Uma imagem de São Tiago, esculpida em 15 centímetros de madeira, carrega as marcas de gerações que construíram as representações do município.

Ela guarda a memória do povo ao mesmo tempo que caminha, *pari passu*, com as comunidades real e imaginária que constituem as identidades são-tiaguenses, num sincretismo entre fé e cultura popular.

A escultura é tão importante que, por meio do Decreto Municipal 1.296, de 23 de março de 2005, foi tombada como bem cultural material do município. No mesmo ano, a imagem, com autoria e origem incertas, passou a configurar no Livro do Tombo do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas (Iepha).

O padroeiro da cidade tem uma data dedicada a ele, 25 de julho. Além da religiosidade, o dia também comemora a formação cultural do Município. É o que atesta o pároco local, padre Sebastião Corrêa Neto. Em celebração pelo aniversário de 68 anos do município, em julho passado, o religioso destacou a interseção entre cultura e fé.

O padre lembrou que uma cidade reúne as memórias dos antepassados, que podem se juntar a um símbolo, como a imagem do Apóstolo. O pároco ainda comentou que as celebrações religiosas são marcadas pela cultura popular.

Exemplo disso é a musicalidade regida pela Lira Imaculada Conceição em procissões festivas, iluminadas por fogos de artifícios. Atributos da chamada cultura da mineiridade, ainda preservados em São Tiago.

**“São Tiago de Compostela Brasileiro”**



Embora haja várias versões para a história do santo, sabe-se que ele foi morto e decapitado na Judeia e seus restos mortais teriam sido levados para a Espanha. No entanto, foi apenas no século 08 que a história ganhou popularidade, com a descoberta de um túmulo que pertenceria a Tiago, na cidade espanhola de Compostela.

Peregrinos de várias partes da Europa seguiam em direção à localidade, que deu origem ao Caminho de Santiago de Compostela, também conhecido como Caminho das Estrelas, por ter o mesmo sentido da Via Láctea.

No encaixe desse itinerário mítico e cultural da Espanha, a Terra dos Biscoitos entra como uma das estrelas de um novo projeto que nasce aos moldes do circuito turístico espanhol. *O Caminho de São Tiago de Compostela Brasileiro*.

O percurso tem como ponto de partida o distrito de Santa Rita, em Ouro Preto, e chegada a São Tiago. Entre os dois, cerca de 220 quilômetros que cortam Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete, Queluzito, Entre Rios de Minas, Lagoa Dourada, Resende Costa e Ritópolis.

O projeto foi idealizado pelo cardiologista lafaietense, Elias de Lima. Entusiasta com o sincretismo entre cultura e fé, o médico acredita que o Caminho é de redescoberta, reconquista de uma tradição fundada por pioneiros desbravadores em busca de metais preciosos.

“As trilhas, ou melhor, os ‘trilhos’ dos antigos tropeiros já estão prontos. A retomada dos caminhos históricos do Ciclo do Ouro e dos Diamantes, numa miniversão nacional, mineira, ecológica do consagrado caminho espanhol ganha novos ares na região”, afirma Lima.

Para o prefeito Denilson Reis, o Caminho promove uma maior integração regional, com aumento do fluxo de um tipo de turismo segmentado, como é o caso dos trajetos de fé, repletos de pessoas em diálogo com a espiritualidade.

“Esse nicho de turismo movimentada e robustece a economia de vários locais. Nem é preciso cruzar o Atlântico, caminhantes do Sul de Minas saem constantemente em direção a Aparecida, interior de São Paulo. Independente de religião, os turistas buscam a paz interna e interação com as comunidades por onde passam, o que fortalece o pluralismo cultural”, afirma o prefeito.

A pé, de cavalo ou bicicleta, o trajeto espera caminhantes para uma imersão na fé e cultura da região. São os trilhos do passado se unindo aos do presente pela salvaguarda da memória e pela concretização do fortalecimento de municípios através de um nicho turístico que já faz parte da cultura mundial há séculos.



# OS CAMINHOS QUE LEVAM AOS CAMINHOS DE SÃO TIAGO

*Projetos Caminhos de São Tiago tem por objetivo criar uma rota turística, valorizando os caminhos percorridos no passado pelos tropeiros e pelos inconfidentes*



Tudo começou em 2005. O médico de Conselheiro Lafaiete, Elias de Lima, pensou em desenvolver um roteiro nas Minas Gerais aos moldes do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha.

Alguns reveses, muitas reuniões e discussões depois, o projeto voltou a ser discutido com mais vigor no ano passado e, aos poucos, está ganhando a adesão e o interesse de vários segmentos sociais e Prefeituras. A expectativa é de que o lançamento oficial aconteça este ano.

O Projeto Caminhos de São Tiago tem por objetivo criar uma rota turística, valorizando os caminhos percorridos no passado pelos tropeiros e pelos inconfidentes. Esta rota busca fomentar o turismo na área compreendida pelo Programa e dar visibilidade aos municípios de pequeno porte no cenário turístico regional e nacional.

Para o coordenador do Projeto, o prefeito Denilson Reis, o Circuito tem grande potencial turístico, cultural e religioso e ainda está aberto a parcerias, “Esse grupo está sendo estruturado agora e, obviamente, está aberto para a participação de pessoas e entidades que desejarem se juntar a nós”.

Atualmente, fazem parte do roteiro 11 cidades: Resende Costa, Lagoa Dourada, Entre Rios de Minas, Coronel Xavier Chaves, Queluzito, Casa Grande, Conselheiro Lafaiete, Ouro Branco, Ouro Preto, Ritápolis e São Tiago.

O projeto está sendo gerido pelos três Circuitos Turísticos dos quais fazem parte os municípios integrantes: Trilha dos Inconfidentes, Vilas e Fazendas e Circuito do Ouro.

De acordo com o gestor da Trilha dos Inconfidentes, Marcus Januário, o projeto ainda está sendo estruturado, mas as providências para implementar a primeira fase já foram tomadas: “como o projeto conta com recursos financeiros das próprias Prefeituras, tivemos que adaptar o estatuto dos Circuitos que estão gerindo o roteiro para que pudéssemos receber o primeiro repasse. Nessa fase, precisamos investir em sinalização, georreferenciamento e divulgação”, explica.

## Percorrendo o Caminho

Em janeiro, técnicos dos três Circuitos percorreram o Circuito com o objetivo de fazer uma primeira avaliação do trajeto. O caminho foi feito de carro e a equipe levou dois dias para percorrer 275 quilômetros.

Para Marcus Januário, o Caminho é viável, mas deve ser percorrido de forma mista, “porque há trechos longos e íngremes, o ideal é fazê-lo à pé, de bicicleta e a cavalo, o que eu acho bastante interessante porque amplia a experiência do turista”.

O gestor explica, ainda, que eles percorreram o caminho principal de Ouro Preto a São Tiago, mas a ideia é criar caminhos extras para quem deseja personalizar a rota, “por isso colocamos o nome no plural: Caminhos de São Tiago. As pessoas podem escolher rotas que privilegiem por exemplo a parte religiosa, visitando as igrejas; ou a parte ecológica, como as cachoeiras”.

Com assessoria da Prefeitura de São Tiago

Postado por Sebastião Filho  
<http://www.ocorvovelo.com.br/2018-02-16-archive.html>

# AMG MINERAÇÃO INVESTE R\$ 650 MILHÕES NO PROJETO LÍTIO

FOTO: FABRÍCIO GUEDES/DIVULGAÇÃO

*Mineradora inaugurou planta no complexo industrial da mina de Volta Grande, em Minas Gerais*



**Helenice Laguardia**

*Força. Com as próximas duas etapas do Projeto Lítio em Minas Gerais, Brasil vai representar 45% da receita global e passa a ser a unidade mais importante do Grupo AMG.*

Com presença no Brasil há 73 anos, a AMG Mineração – subsidiária da holandesa Advanced Metallurgical Group – está investindo em torno de R\$ 650 milhões nas duas fases do Projeto Lítio no complexo industrial da mina de Volta Grande, na divisa dos municípios mineiros de Nazareno e São Tiago. Lá, as reservas são de cerca de 23 milhões de toneladas remanescentes de pegmatito – uma rocha multiminerálica. Outra unidade fabril, em São João del Rei, produz óxidos de tântalo e nióbio, ligas especiais de alumínio, além de operar uma Pequena Central Hidrelétrica (PCH). “Nos últimos dois anos, o investimento da AMG foi de cerca de R\$ 800 milhões, algo em torno de US\$ 230 milhões, tanto no lítio como em outros projetos dentro da empresa”, calcula o presidente da AMG Mineração no Brasil, Fabiano Costa.

Uma das razões para o projeto é maximizar o uso do recurso mineral trazendo redução da geração de resíduo proveniente da produção de tântalo, no qual a mineradora é considerada a maior produtora certificada do mundo. Costa diz que também existe uma razão econômica: o fato de o lítio ser a commodity metálica de maior demanda atualmente com larga aplicação em baterias de aparelhos como smartphones e tablets, além do uso em veículos elétricos.

Por isso, na primeira fase, inaugurada há dois dias, a planta de concentração é para 90 mil toneladas por ano de concentrado de espodumênio (que carrega o lítio na estrutura mineralógica). A segunda fase do projeto – com engenharia concluída e equipamentos contratados – Costa espera iniciar a construção no início do segundo semestre deste ano, com conclusão prevista para o final de 2019. A partir de 2020, a capacidade anual será de 180 mil toneladas de concentrado de espodumênio. “As primeiras 270 mil toneladas estão destinadas a um cliente chinês com um contrato assinado há algum tempo”, conta.

O projeto engloba uma terceira fase. Nela está prevista a implementação de uma planta química para a transformação do concentrado de espodumênio em algum produto químico de lítio, muito provavelmente o carbonato ou o hidróxido de lítio, com valor agre-

gado maior e vantagem competitiva de redução de custo com logística. “Porque em vez de exportar 180 mil toneladas anualmente a gente reduz para uma quantidade de 20 mil toneladas que é o que consegue de produto químico de lítio a partir de 180 mil toneladas de concentrado”, diz.

**Contratações e receita.** Antes da planta inaugurada há dois dias, o complexo de Volta Grande operava com cerca de 280 empregados diretos e outros 150 contratados permanentes de empresas. “Com a primeira planta, vamos chegar a cem novos postos de trabalho. Então, já estamos com 500 empregados, indo para cerca de 550. Na fase dois já projetada, temos a necessidade de novos postos, então, no final de 2019, chegaremos com 700 empregos diretos entre funcionários da AMG e contratados”, calcula. Em São João del Rei são outros 300 empregados.

No resultado financeiro, Costa informa que o Brasil tem participação em torno de 10% a 12%. “Com a inauguração da planta 1, esse percentual sobe para 20% da receita global da empresa, e, com a SP2 e a planta química, vamos contribuir com cerca de 40% a 45% da receita da empresa”, comemora.

## Empresa tem parcela para IDH melhor

Com nove operações da AMG no mundo, há dois dias, todo o board executivo da empresa esteve em Minas Gerais para a inauguração da planta do Projeto Lítio. “Inseridos no Estado de Minas Gerais, sabendo que estamos gerando mais postos de trabalho direto, acreditamos que, para cada emprego direto, geramos outros quatro indiretos nas regiões de São Tiago e Nazareno”, calcula o presidente da AMG no Brasil, Fabiano Costa.

Apesar de ser uma região muito rica, tem um dos Índices de Desenvolvimento Humano (IDHs) mais baixos de Minas Gerais. “Então, estamos com nossa parcela de contribuição para melhorar o IDH da região contribuindo para gerar inúmeras oportunidades para as comunidades no entorno, além da nossa responsabilidade ambiental”, explica Costa, que é mineiro de BH.

Fonte: <https://www.otempo.com.br/capa/economia/amg-mineracao-inv...>

## FICÇÃO CIÊNTEFICA

# UMA SÉRIA REFLEXÃO SOBRE A HUMANIDADE

O grande mérito da ficção científica é o de podermos falar de nós mesmos, da individualidade sem barreiras. O tema, qualquer que seja ele, será subjacente, está em nós mesmos, embasado em nossos conflitos, interrogações, vivências, medos, expectativas...Mundos alternativos, criados por nossa mente presente, extrapolando tempos, lugares, realidades!

Os problemas, em todas as épocas, parecem maiores do que as soluções disponíveis e as propostas de superação desses problemas parecem irrealistas, inúteis ou ingênuas. Insegurança, instabilidade, angústia cotidiana nos levam à busca idealizada de novo contexto, de placas de indicação/sinalização que nos conduzam à saída do caos reinante, nos ajudando a lidar com o medo, a frustração. Uma extrapolação radical do aqui-e- agora...

Volve-se assim ao futuro ou ao passado. Uma reflexão, na verdade, sobre como conduzirmos o presente, expandirmos nossa consciência, nossa criatividade, nossa inteligência – uma forma de compensar nossa fragilidade, nossa curiosidade existencial. “A ficção científica não prevê; descreve” (Ursula K. Le Guin – “A mão esquerda da escuridão”, Ed. Aleph) “A busca da ficção científica é, acima de tudo, a busca pela essência humana. E o que isso significa? Que estamos totalmente imersos na busca por ferramentas como as redes sociais, cada vez mais complexas para necessidades, cada vez mais específicas – e nos entregamos emocional e socialmente a elas” (Cláudia Fusco)

**DISTROPIA** - Muitos pensadores vem alertando que a humanidade se aproxima hoje – e perigosamente – do desencanto, da perplexidade – fenômeno a que denominam “distopia”. Uma deformação da utopia<sup>(2)</sup>. Um conceito que perpassa a humanidade por força do ceticismo em relação ao futuro. “A distopia coloca em mãos humanas a capacidade de criar seu próprio inferno, seja por restrição de direitos essenciais como liberdade e afeto, seja pela criação de paraísos artificiais, nos quais a humanidade escolhe abrir mão de sua essência e direitos” (Cláudia Fusco) Ai estão os retrocessos políticos, as lideranças mundiais ameaçadoras, a prevalência da mentira, do engodo, do autoritarismo, do cinismo (“fake News”).

O notável pensador polonês Zygmunt Bauman, falecido em 2017, em seu livro “Retrotopia” (Ed. Zahar), considera que, em meio a um quadro de desesperança e caos, as pessoas voltam-se para o passado idealizado, na tentativa de buscar soluções para o presente. “Tendo perdido todas as visões de uma alternativa de futuro melhor, associando o futuro a algo “pior do que o presente”, à ideia do “mais do mesmo” (mais um novo gadget, mais uma mudança de moda...), não admira que, ao procurar ideias genuinamente significativas, nós nos voltemos de forma nostálgica para as grandes ideias sepultadas (prematamente?) do passado”.

Uma espécie de nostalgia, uma construção ideológica como a do romantismo vigente no final do século XIX, uma vez que o passado é algo que temos mais controle ou supomos ter mais conhecimento ou ainda porque julgamos que as coisas eram mais fáceis. Uma reorganização do campo conservador, em função da crise econômica, desemprego, o terror fiscal-tributário, guerras, destruição ambiental, Estado obsoleto, regimes autoritários ou inúteis, quando não perversos, gerando uma visão precária do futuro, portanto uma experiência de medo, angústia, ansiedade crônica.

**Sociedade de nosso tempo** – A sociedade de nosso tempo, mormente a do século XX, “começou com uma utopia futurista e acabou em nostalgia” no dizer de Svetlana Boym, professora de literatura eslavica na Universidade de Harvard. Fomos traídos por um sonho tecnológico utópico, quicá ingênuo, irrealista. A evolução, todavia, é constante, surpreendente – ai estão a robótica, nanotecnologia, inteligência artificial, ciborgues etc. Daí necessitarmos de uma “nova utopia”, uma “revolução pós humana” embasada na empatia, fraternidade, altruísmo, cooperação. A sociedade já demonstra sinais exigentes disso.

Zygmunt Bauman – pensador atualíssimo e que deveria ser lido por todos – tem uma visão apocalíptica de nossa era: “Estamos diante da perspectiva de nos darmos as mãos ou de rumarmos para nossas valas comuns”. Segundo ele, tornamo-nos uma sociedade mercantilizada, vulgarizada, estimulada o tempo todo a competir, a comprar e em que o “ter” se sobrepõe ao “ser” e termos como “solidariedade”, “consciência coletiva”, “sustentabilidade” soam como ridículos, triviais (em especial para as elites). Diz Baum: “Os seres humanos são

pressionados e/ou persuadidos a perceber seu estar no mundo como uma agregação e série de transações de compra-e-vende” Em resumo, tornamo-nos meros consumidores, dopados, robotizados, uma sociedade – ou massa – cuja dialética demoníaca é ser títere das elites e em que a rebeldia é raridade”.

Tempos de discursos autoritários, cínicos, da voz e “monopólio da verdade”, em que somos manipulados por autocratas – gente governante de aparência democrática, mas sem base moral ou constitucional, forjadores do medo e de catástrofes, num mundo teatralizado, espetacularizado, kitsch. O próximo hoje é rejeitado, desacreditado, como se vê em filmes ou na mídia. O migrante, o morador da periferia, o estranho, o diferente, o inimigo que pode ser qualquer um, estar ao nosso lado. É a política nefasta, brutal de governantes e lideranças mancomunadas com fabricantes de armas, poluidores, religiosos fanáticos ou espertalhões, executivos, empresários desonestos que, à custa de ganhar dinheiro, extorquem a sociedade, determinam o fim dos recursos naturais e do Tesouro, pondo em risco a própria sobrevivência da humanidade.

Daí Baum afirmar: “O Estado substituiu seu papel de guardião por aquele que faz com que a incerteza e insegurança se transformem em condições permanentes” Só nos resta uma saída. A chave está conosco, cidadãos. A promoção constante e inarredável da cultura do diálogo, do respeito mútuo, da compreensão. A construção da esperança. A prática do amor genuinamente cristão. Do contrário, como apregoam os autocratas e loucos de plantão, só nos restará o caos, o “salve-se quem puder”. Ou encontramos a saída, via fraternidade ou continuaremos lidando com o medo, o ódio, o terrorismo oficial ou de rua.

“A indiferença às necessidades do outro só nos apequena e, dessa forma, nos brutaliza, pois amortece as potencialidades que a todos nós se oferecem como seres pensantes” (Paulo de Salles Oliveira – “Cultura solidária em Cooperativas” – Ed. Edusp).

### NOTAS

(1) A história ou origem da ficção científica, ao contrário do que muito gente pensa, começou no passado, muito antes do Iluminismo. Encontramo-la nas mais diversificadas formas: em lendas como “As Mil e uma noites”, em mitos como a “Epopéia de Gilgamesh”, em obras literárias ou filosóficas como “A República” de Platão, “A Divina Comédia” de Dante Alighieri, “Utopia” de Thomas More, “A Tempestade” de William Shakespeare, “O Corcunda de Notre Dame” de Victor Hugo, “Fausto” de Goethe, em “O Médico e o monstro” de R.L. Stevenson, em “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carroll, “A Metamorfose” de Franz Kafka etc.

Há que mencionar obras do gênero e autores do século XIX e ainda de inícios do século XX: Lord Byron; Edgar Allan Poe, Mary Shelley (“Frankenstein”), Júlio Verne (“Viagem ao Centro da Terra”, “Vinte mil léguas submarinas”, “Volta ao mundo em 80 dias”), H.G. Wells (“A guerra dos mundos”, “O homem invisível”, “Máquina do Tempo”), Aldous Huxley (“Admirável mundo novo”) etc.

No século XX, mormente a partir de sua metade, há uma profusão de obras: J.R.R. Tolkien (“O Senhor dos Anéis”), George Well (“1984”), Isaac Asimov (“Eu, Robô”), Ray Bradbury (“Fahrenheit 451”) Antonio Burgess (“A Laranja Mecânica”), Ursula A. Le Guin (“A mão esquerda da escuridão”), Philip K. Dick (“O homem do castelo alto”), Michael Crichton (“Jurassic Park”), J.K. Rowling (“Harry Potter”), Octavia Butler (“Kindred”), William Gibson (“Neuromancer”) Carl Sagan (“Contato”), Margaret Atwood (“O conto da aia”), Dave Eggers (“O Círculo”) etc.

(2) Utopia – famoso livro do pensador inglês Thomas More, lançado em 1516, baseado em relatos do navegador Rafael Hitlodeu, que teria encontrado o paraíso terrestre perfeito na ilha (fictícia) de Utopia – literalmente “um não lugar”, “lugar que não existe”. A obra é um esboço (projeto alternativo ou teórico) de uma sociedade ideal, que todas as culturas poderiam usar como referência, com prevalência da liberdade, mutualidade, felicidade.

“A Utopia surgiu com Thomas More justamente por criticar a situação social da época, em particular a condição inglesa, descrita como horrenda, injusta, violenta. Ele optou pela modalidade positiva, utópica, descrevendo um país que teria resolvido seus problemas por meio de medidas governamentais diferentes das da Inglaterra real” (Carlos Berriel – Unicamp)

## CLÁSSICOS DA FICÇÃO CIENTÍFICA

- Admirável Mundo Novo – *Aldous Huxley*
- Nós – *Ievguêni Zamiatin* (Ed. Aleph)
- Fahrenheit 451 – *Ray Bradbury*
- 2001 – uma odisseia no espaço – *Arthur C. Clark* (filme é do diretor Stanley Kubrick)
- Planeta dos macacos – *Pierre Bouille*
- Metrópolis – *Fritz Lang* (1927)
- Eu, robô – *Isaac Asimov*
- O fim da infância – *Arthur C. Clarke*
- Neuromancer – *William Gibson*
- O homem do castelo alto – *Philip K. Dick*
- A máquina do tempo – *H.G. Wells*
- O guia do mochileiro das galáxias – *Douglas Adams*
- As crônicas marcianas – *Ray Bradbury*
- Fundação (trilogia) – *Isaac Asimov*
- A mão esquerda da escuridão – *Ursula K. Le Guin*
- Vinte mil léguas submarinas – *Julio Verne*
- A cidade e as estrelas – *Arthur C. Clarke*
- Frankenstein – *Mary Shelley*
- Encontro com Rama – *Arthur C. Clarke*
- O caçador de asteroides – *Philip K. Dick*
- Fuga para parte alguma – *Jerônimo Monteiro*
- Robert A. Heinlein

Livros de ficção científica – Autores brasileiros – Recomendamos a obra “Os melhores contos da ficção científica” Ed. Devir. Autores clássicos brasileiros como Machado de Assis (conto “O imortal” e Gastão Cruls (conto “Meu sócia”) também escreveram sobre o tema.

(Fonte: Revista “Galileu”, ed. 322, maio/2018 – Ed. Globo)

## HISTÓRIA DA FICÇÃO CIENTÍFICA

O termo “Ficção Científica” foi popularizado pelo escritor, inventor e editor Hugo Gernsback nas primeiras décadas do século XX (1920). Segundo Adam Roberts em sua obra “A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas” (Ed. Seoman, 2016, 700 pp) a origem da Ficção Científica (FC) está ligada às viagens extraordinárias, desde a Grécia antiga, sobressaindo-se três modalidades: temporais; espaciais ou tecnológicas: imaginárias ou reais.

Adam Roberts se apoia nas chamadas metanarrativas (narrativas de longa duração) que envolvem a formação do cosmos, da humanidade, da vida na Terra ou em projeções de cenários futuros, sejam positivos (utopia) ou negativos (distopias). Segundo ainda Roberts, a ficção científica se vale de um recurso central: a extrapolação, que, por sua natureza especulativa e imaginativa, comporta um conjunto de dados do mundo, reconstruindo-o, inovando-o, extravasando-o. A tecnologia se confunde com a magia.

Para o filósofo Paul Feyrabend, criador do “anarquismo epistemológico”, a ciência nunca deve se apoiar em um método dominante e sim em uma pluralidade de meios investigativos, o que tornaria a ficção científica, a seu ver, uma forma de fazer ciência. Para Roberts, a origem da ficção científica estrutura-se na cosmologia e cosmogonia dos primeiros filósofos como Platão e Aristóteles e ainda nas primeiras viagens extraordinárias como a “Viagem à Lua” descrita por Luciano de Samosata (séc. II d.C), a ascensão da alma

às estrelas concebida por Cicero em seu texto “Sonho de Cipião” (que foi a fonte para o “Sonnum” de Johannes Kepler (1634), um dos protagonistas da revolução cosmológica do séc. 17)

Conquanto especulativas, tais obras unificam o conhecimento racional e divino em uma mesma premissa. Tal visão alternativa do universo – simultaneamente transcendente e materialista – aparece em outras obras como as de Dante Alighieri, Campanella, Morus, Ariosto, Marino bem como de cientistas como Copérnico, Galileu, Kepler e Brahe. No século 17, surgiria a “Viagem à Lua” de Cyrano de Bergerac e as obras do jesuíta Athanasius Kircher e a seguir de utopistas como Gabriel de Foigny, Nicholas Goodman, Joshua Barnes, Johann Valentin Andreae. Período em que a força dos relatos de viajantes multiplicam as cartografias da Terra, os mapas astronômicos, as zoologias de mundos terrestres e extraterrestres.

O notável legado de Giordano Bruno - A Ficção Científica moderna tem como marco fundador a morte de Giordano Bruno, “o gênio de Nola”, em 1600, queimado pela Inquisição. Um homem e uma obra extraordinárias, acima do seu tempo. Toda ficção científica, desde então, se relaciona com a cosmologia pluralista, universal, infinitesimal e organicista, encontrada(s) na obra de Giordano Bruno, da mais refinada erudição e que inspiraria e seria acompanhada pela pluralidade dos mundos de Fontenelle, a monadologia de Leibniz, os corpos sutis de Descartes e mesmo a mecânica de Newton.

No século 18, encontraremos na literatura os temas do “micro e macro” (“pequeno e grande”) nas obras de Swift (“As Viagens de Gulliver” – 1726), de Voltaire (“Micrômegas” – 1752). No século 19, o conhecimento se expande nos mitos de Frankenstein, de Fausto, no romance gótico, no contrailuminismo de Sade e Walpole. Surgem os avanços da biologia e naturologia (Darwin, Mendell), da entropia (Clausius, Maxwell, Boltzmann) e que, igualmente, dariam sustentabilidade temática à ficção científica no século 20.

Ainda, segundo Roberts, por mais que a matriz da ficção científica seja ligada às máquinas e estas ao totalitarismo, os autores de ficção científica quase sempre são críticos ao especismo (depreciação das espécies não humanas), ao antropocentrismo (centralidade do humano no universo), ao patriarcalismo (a FC é um gênero que conta com elevado número de escritoras bem como de personagens femininas).

### GIORDANO BRUNO

Giordano Bruno foi filósofo, teólogo, escritor, poeta, teatrólogo, frade dominicano da época do Renascimento, nascido em 1548 na cidade italiana de Nola, reino de Nápoles. Conhecido ainda como Bruno de Nola ou “O Nolano”. De família nobre, era filho do militar Giovanni Bruno e Fraulissa Savolin, recebendo na pia batismal o nome de Filippo Bruno, adotando o nome de Giordano quando entrou para a Ordem Dominicana aos 14 anos. Viveria 10 anos no convento, ordenando-se sacerdote em 1572. Ali estudou profundamente Aristóteles e Tomás de Aquino, passando a questionar oportunamente suas doutrinas. Dominava habilmente as áreas de Humanidades, Lógica e Dialética. Foi ainda professor de cosmologia em Oxford entre 1583 e 1585, tendo frequentado o círculo do poeta inglês Sir Philipp Sidney. Membro ainda da Academia Fiorentina, celebrizando-se como pregador e polemista, em especial como defensor de teorias científicas que contestavam Aristóteles e Ptolomeu, contrariando assim o pensamento da Igreja.

Desde cedo, impressionou-se com as obras de Nicolau Copérnico (1473-1543), Nicolau de Cusa, Giovanni dela Porta e Lúlio,



afastando-se paulatinamente da ortodoxia católica, conflitando assim com a doutrina dominante. Ainda noviço, lera textos proibidos, tidos como heréticos, do filósofo holandês Desidério Erasmo (1466-1536), atraindo a perplexidade e animosidade de seus superiores. Tinha a concepção de um universo infinito e ilimitado, com a multiplicidade de dimensões e de mundos pluralmente habitados, tese que desbancava a centralidade e imobilidade da Terra e sua exclusividade como sede do homem no universo, contrariando, dessa forma, a cosmologia medieval e a teologia geocêntrica defendidas pela Igreja, derivada(s) do sistema aristotélico-ptolomaico então vigentes. Sofreria inúmeras perseguições devido suas ideias, sendo acusado de ensinar heresias em público. Em 1576, abandonou o hábito e em 1579 deixou a Itália, viajando pela França, Suíça, Alemanha, Boêmia (República Tcheca), Inglaterra, lecionando e publicando, nesse período, vários de seus escritos. Teve, nesse período, ligações com as igrejas luterana, calvinista e anglicana, conflitando com todas elas. Retornaria a Veneza, quinze anos após, o que seria seu grande erro, ficando exposto à sanha inquisidora. Tinha excelente memória, sendo professor de mnemônica e mnemotécnica, tendo, entre seus alunos, Giovanne Mocenigo, nobre veneziano, que acabaria por incriminá-lo junto às autoridades religiosas, acusando-o de prática de magia. Fora uma armadilha montada pela Igreja com o auxílio do nobre Mocenigo.

Denunciado por Giovanne Mocenigo (1558-1623) ao Inquisidor de Veneza, Pe. Giovan Saluzzo, sendo preso em 23 de maio de 1592. A Inquisição exigia-lhe a retratação integral de suas teorias, alegando o réu, contudo, serem suas ideias filosóficas e não religiosas, argumentação não aceita. Sentenciado à fogueira, por decisão da Congregação da Sacra Romana e Universal Inquisição do Santo Ofício, decisão referendada pelo papa Clemente VIII (que pontificou entre 1593 e 1605) recusando-se o réu terminantemente a se retratar. Dezenas de sacerdotes, muitos de boa fé, tentaram fazê-lo abjurar de suas ideias. Inutilmente. Após 8 anos de implacável cárcere em San Domenico de Castelo (uma das masmorras da Inquisição), foi queimado como herege em 17 de fevereiro de 1600, uma quinta-feira ensolarada, no Campo das Flores, Roma, na presença de centenas de expectadores, levado à fogueira desnudo, a boca manietada por uma tora de madeira, amarrado a um poste <sup>(1)</sup> Fora sempre homem de temperamento inquieto, contestador, por vezes desassombrado e não se quedou, momento algum, sequer diante de tribunais ou de pontífices inquisitoriais.

Gaspere Schopp, uma das testemunhas de visu do holocausto de Giordano Bruno, redigiu uma carta-relatório e graças a ela, Johannes Kepler (1571-1632), o grande astrônomo que descobriu a elipticidade das órbitas planetárias, tomou conhecimento da tétrica morte de Bruno. Kepler conhecia a obra de Giordano Bruno, quando este (Bruno) residira em Praga em 1585. Dentre as tantas heresias de que Bruno fora acusado, constam a rejeição à fé católica da Trindade, da Transubstanciação, da divindade de Cristo e ainda suas teses de pluralidade eternidade dos mundos e de panteísmo, além de envolvimento com a magia e ocultismo. Obrigado a ouvir a sentença (condenação à morte na fogueira), Giordano Bruno ainda objetou, desafiador, aos seus algozes: - Maiori forsan cum timore sententiam in me fertis quam ego accipiam (Talvez sintam maior temor ao pronunciar esta sentença do que eu ao ouvi-la)<sup>(2)</sup>

Giordano Bruno seria classificado hoje como autor de ideias seminais, fertilizadoras da inteligência e visto hoje como um pioneiro da ficção científica. Um visionário que levantou conceitos que viriam a ser comprovados, séculos depois, ou que ainda nos intrigam. Falou, por exemplo, em seus escritos sobre “grandes navegações no espaço, com naves movidas a energia solar, a atravessarem o oceano obscuro do vácuo, aportando em outros planetas” (Obra “Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos”) Discorre sobre a existência de “energia” ou “espírito” (prana na linguagem oriental) que permeia todo o universo e o mantém em ininterrupto e dinâmico movimento. Já em seu tempo, ocorreriam grandes navegações, descobrimentos e desbravamentos de outras terras, a expansão do comércio, bem como a comprovação e aplicabilidade das teses de Copérnico e outros cientistas. <sup>(3)</sup>

## NOTAS

(1) No Campo de Fiori (Campo das Flores), local onde ocorreu a execução da pena, foi erguido um monumento em homenagem a Giordano Bruno. O projeto foi concluído em 1889, ficando a execução da obra sob a responsabilidade do conceituado escultor Ettore Ferrari (1845-1929) A vida de Giordano Bruno foi transformada em filme em 1973, produção dirigida pelo italiano Giuliano Montaldo.

(2) O processo contra Giordano Bruno – e sua infamante morte – seria trágico nas relações religiosas, filosóficas e científicas. Um acirramento na luta entre o obscurantismo e o livre pensamento. É o que dizem conceituados autores como Will Durant. Bruno reinterpretava o neoplatonismo e as ideias de Nicolau de Cusa, defendendo ainda a doutrina da infinitude do universo, concebendo-o como um sistema ou conjunto em contínua transformação, um universo em si povoado por incalculáveis sóis, estrelas e planetas, muitos deles habitados como a Terra.

Suas avançadas ideias sobre a relatividade anteciparam as de Galileu. Sendo infinito o cosmos, qualquer perspectiva de qualquer objeto é sempre relativa à posição do observador. Historiadores classificam-no como hilozoísta (tudo que existe tem vida), panpsiquista (tudo tem uma natureza psíquica ou alma). A mente de Deus está em tudo, em todas as criaturas, as quais se distinguem pela(s) forma(s) com que se apresentam. Deus, na concepção de Bruno, acha-se acima de qualquer modalidade de regra, dogma ou humana compreensão. O ser humano é limitado pelas formas do tempo/espaço. A verdade deve prevalecer sobre as vontades e crenças, sendo Bruno, por isso, um dos predecessores e inspiradores do Iluminismo, surgido séculos mais tarde.

(3) “A visão de Giordano Bruno vai muito além de sua época, para tempos em que ainda não entramos, mas estamos no limiar. Suas ideias tiveram importância política, pois na luta entre a igreja conservadora (dona do poder) e a burguesia revolucionária (classe em ascensão), ele optou pela revolução ou seja pela nova visão do mundo emergente” (Augusto Daminelli, professor de astronomia e geofísica da USP).

**PRINCIPAIS OBRAS** – Autor, em vida, de mais de 40 obras, sendo as principais: O Candeeiro (1582); Sigillus Sigilorum (1583); De Umbris Idearum (A Sombra das Ideias) (1582); A ceia das cinzas (1584); Sobre a causa, principio e uno (1584); Acerca do infinito, do universo e dos mundos (1584); O despacho da fera triunfante (1584); Sobre os heroicos furores (1585); A Interpretação (1586); Oração de despedida (1588); De mínimo (1591); Da magia (1591); De monade (A monada, o número e a figura) (1591); De imenso et innumerabilis (Sobre o inumerável e o não configurável) (1591).

Sobre Giordano Bruno, há centenas, senão milhares de obras, documentários, teses, peças teatrais, filmes.

## ALGUNS PENSAMENTOS GIORDANO BRUNO

• Deus é onipotente e perfeito e o universo é infinito. O mundo é infinito porque Deus é infinito. Como acreditar que Deus, Ser Infinito, possa ter se limitado a si mesmo criando um mundo fechado e limitado?

• Não é para fora de nós que devemos procurar a Divindade, pois que ela está ao nosso lado, ou melhor, em nosso foro interior, mais intimamente em nós do que estamos em nós mesmos.

• Se eu manejasse um arado, pastoreasse um rebanho, cultivasse uma horta, remendasse uma veste, ninguém me daria atenção; poucos me observariam, raras pessoas me censurariam e eu poderia facilmente agradar a todos. Mas por ser eu delinador do campo da natureza, por estar preocupado com o alimento da alma, interessado pela cultura do espírito e dedicado às atividades do intelecto, eis que os visados me ameaçam, os observados me assaltam, os atingidos me mordem, os desmascarados me devoram. E não é só um, não são poucos, são muitos, são quase todos.

• Posso imaginar um número infinito de mundos como a Terra, com um jardim do Éden em cada um.

• O tempo tudo tira e tudo dá; tudo se transforma, nada se destrói.

• Não existe deleite sem um misto de tristeza.

• Feliz na tristeza, triste na alegria.

# 20.000 SATÉLITES PARA 5G a serem lançados enviando RAIOS PERIGOSOS de intensa radiação de microondas PELO MUNDO

Por Strange Sounds

Nas comunidades urbanas locais, haveria uma torre de células 5G a cada 500 pés ao longo de cada rua. Por pior que essas torres de pequenas células possam parecer do ponto de vista da exposição constante à radiação de radiofrequência (RF) nas proximidades da fonte, talvez uma perspectiva ainda mais alarmante seja a irradiação de microondas na Terra a partir de milhares de novos satélites de comunicação.

A atenção pública sobre 5G tem se concentrado nos planos das empresas de telecomunicações de instalar milhões de torres pequenas em postes de energia elétrica, em prédios públicos e escolas, em paradas de ônibus, em parques públicos e em qualquer lugar que elas queiram dentro de parques nacionais e terras de propriedade da União.

Nas comunidades urbanas locais, haveria uma torre de células 5G a cada 500 pés ao longo de cada rua.

Mas talvez uma perspectiva ainda mais alarmante seja a irradiação de microondas de comprimento de milímetro na Terra a partir de milhares de novos satélites de comunicação.

A Federal Communications Commission (FCC)<sup>1</sup> deu a aprovação à SpaceX em 29 de março de 2018 para lançar 4.425 satélites em órbita baixa ao redor da Terra.

O número total de satélites que deverão ser colocados em órbita baixa e alta por várias empresas será de 20.000 satélites.

## 5G usará antenas em fase para disparar feixes de radiação em telefones celulares

Esses satélites usarão o mesmo tipo de antenas em fase que serão usadas pelos sistemas 5G baseados em terra.

Isso significa que eles enviarão feixes de radiação de microondas intensamente focados em cada dispositivo 5G específico que estiver na Terra e cada dispositivo enviará um feixe de radiação de volta ao satélite.

As gerações anteriores de comunicação celular de RF usavam grandes antenas para enviar uma manta de radiação em todas as direções. As frequências mais baixas que elas usavam e a ampla distribuição de microondas limitavam o número de aparelhos celulares que podiam se conectar através de uma torre alta individual.

Quanto menor for o comprimento das microondas usadas para o 5G, tanto mais será possível o uso de pequenas antenas em fase para enviar e receber sinais.

As antenas em fase consistem em grupos de centenas de pequenas antenas que trabalham juntas para disparar um raio de energia em um alvo como uma bala. Um conjunto dessas minúsculas antenas pode ser disposto em uma matriz de 4 polegadas por 4 polegadas.

Os raios de microondas que elas produzem serão fortes o suficiente para atravessar paredes e corpos humanos. Se eles não fossem fortes o suficiente para fazer isso, todos com um smartphone 5G teriam que ficar do lado de fora quando usassem os aparelhos.

Cada produto 5G também terá múltiplas antenas em fase que serão usadas para criar um potente feixe de radiação de volta para os dispositivos 5G montados em postes elétricos ou em direção a um satélite específico no espaço.

Esses feixes de radiação também precisarão ser fortes o suficiente para atravessar paredes e carne humana, como uma mão ou a cabeça, para alcançar o destino pretendido.

Isso significa que, se você estiver em um local lotado, como um aeroporto ou trem, haverá centenas, se não milhares, de feixes invisíveis de radiação voando pelo ambiente à velocidade da luz.

À medida que as pessoas se movem nesse ambiente, seus corpos serão penetrados por inúmeros feixes de radiação enquanto andam ou enquanto outras pessoas andam em volta deles com seus smartphones 5G.

## Telefones 5G serão muito mais poderosos do que os telefones anteriores



A energia irradiada efetiva das antenas de matriz em fase 5G nos telefones será 10 vezes mais potente que os telefones 4G.

### Ninguém estará livre da exposição.

Além disso, feixes de radiação de microondas 5G serão recebidos e transmitidos de novos equipamentos de informática, eletrodomésticos e automóveis.

Será permitido ao equipamento fixo, como centrais de Wi-Fi em residências e escritórios, usar feixes de microondas 15 vezes mais potentes (300 watts) do que os sinais dos telefones 5G ou 150 vezes mais potentes que os telefones 4G.

### Por que o 5G é muito mais perigoso do que os sistemas de comunicação por microondas anteriores?

Arthur Firstenberg, autor, pesquisador e defensor da limitação da exposição à RF proveniente do meio ambiente, explica a análise da radiação 5G publicada no Microwave News em 2002. Ele declarou:

*"Quando um campo eletromagnético normal entra no corpo, isso causa cargas para remover e correntes para fluir.*

*Mas quando pulsos eletromagnéticos extremamente curtos entram no corpo (5G), algo acontece: as cargas que se movem se tornam pequenas antenas que re-irradiam o campo eletromagnético e o enviam mais profundamente dentro do corpo.*

*Essas ondas re-irradiadas são chamadas precursores de Brillouin.*

*Elas se tornam significativas quando o poder ou a fase das ondas muda bastante rapidamente.*

*5G provavelmente satisfará ambos os requisitos. Isso significa que não é verdadeira a tranquilidade que nos está sendo dada – que essas ondas de milímetro são curtas demais para penetrar dentro do corpo."*

### Satélites 5G vão encher os céus

Estas são as empresas com os maiores planos para implantar satélites:

SpaceX: 12.000 satélites  
 OneWeb: 4.560 satélites  
 Boeing: 2.956 satélites  
 Spire Global: 972 satélites

Arthur Firstenberg descreve os planos das corporações que querem usar a tecnologia 5G. Ele afirma:

*"A Honeywell já assinou um memorando de intenção de tornar-se o primeiro grande cliente da OneWeb, que planeja fornecer Wi-Fi de alta velocidade a aeronaves comerciais e militares ao redor do mundo.*

*A SpaceX gostaria de fornecer o equivalente de 5G a cada pessoa do planeta."*

### Implementação 5G sediado no solo

No momento, os sistemas 5G sediados em terra já estão sendo implementados em dezenas de grandes cidades. Os planos estão sendo aprovados por centenas de outras cidades, o que permitirá a implementação em 2019 em diante.

As cidades não têm o direito de "dizer não" a 5G. Os regulamentos da FCC impedem que as cidades se oponham com base em preocupações com a saúde - elas só podem falar sobre questões de estética e sobre a questão prática da colocação de equipamentos.

Elas são obrigadas a "dizer sim", e é melhor fazê-lo rapidamente, do contrário empresas de telecomunicações irão ameaçá-los com ações

legais por obstruir seus planos.

### Implementação 5G sediado em satélite

Os dois primeiros satélites-teste 5G foram lançados pela SpaceX em fevereiro de 2018. Espera-se que centenas de outros satélites sejam lançados em 2019. O conjunto completo de 20.000 satélites poderia ser colocado em órbita durante os próximos dois anos.

Para colocar isso em perspectiva, a partir de setembro de 2017, havia 1.738 satélites operando em órbita ao redor da Terra. Isso significa que o número de satélites será 11 vezes maior que o número atual.

### Catástrofe ambiental de foguetes usados para lançar satélites

O combustível de foguete é muito destrutivo para a camada de ozônio da Terra, que nos protege dos efeitos severos da radiação do sol. Em 2017, houve 90 tentativas de lançamento de foguetes em todo o mundo.

Os foguetes que usam combustível sólido produzem depleção massiva de ozônio. Enquanto os foguetes que usam querosene líquido como combustível destroem menos ozônio, liberam enormes quantidades de fuligem de carbono negro no ar, especialmente em altas altitudes.

Se o número de lançamentos anuais de foguetes aumentar em 10 vezes ou mais, o que é provável sob os planos que essas empresas fizeram, modelos de computador sugerem que a combinação da destruição do ozônio e de liberação de fuligem negra poderia produzir um efeito de aquecimento de 3 graus sobre a Antártida e reduzir o ozônio na atmosfera do mundo em 4%.

Mesmo que seja possível para um único foguete colocar vários satélites na órbita, ainda estamos falando de um aumento de 10 ou 20 vezes no dano ambiental sobre o que está sendo produzido hoje.

Os satélites 5G têm um tempo de vida relativamente curto, talvez apenas 5 anos, o que significa que haverá um grande número de lançamentos de foguetes, não apenas nos próximos anos, mas em todos os anos para o futuro previsível.

### Combustível de foguete à base de mercúrio pode espalhar neurotoxinas pela Terra

Tão prejudicial quanto os combustíveis líquidos e sólidos de foguete, a Apollo Fusion está desenvolvendo um sistema de propulsão baseado em mercúrio para o lançamento de foguetes.

Esses motores de foguete de propulsão iônica usam poderosos ímãs para afastar pequenas partículas carregadas em altas velocidades, o que gera impulso. A Nasa experimentou a propulsão de íons com mercúrio na década de 1960, mas abandonou a pesquisa.

O mercúrio é uma neurotoxina extremamente forte, que é prejudicial a todas as formas de vida, especialmente as humanas.

Os riscos de uma catástrofe ambiental são monumentais, porque se houvesse um mau funcionamento e um desses motores explodisse, o mercúrio altamente tóxico seria espalhado pela atmosfera e sobre a Terra.

Toda a conversa mole de empresas de telecomunicações sobre 5G ser uma panaceia para a proteção ambiental e conservação de energia é algo bastante ridículo, quando pensamos sobre o dano ambiental que será criado por qualquer um dos motores de foguetes que eles escolhem usar para lançamento de seus satélites.

### Lixo espacial vai poluir a Terra

Cada satélite será do tamanho de um pequeno refrigerador e pesará aproximadamente 880 libras (cerca de 400 kg).

Com uma expectativa de vida de apenas 5 anos, isso significa que haverá uma enorme quantidade de lixo espacial orbitando a Terra.

Eventualmente, todos aqueles satélites cairão na Terra e se queimarão ao entrarem na atmosfera da Terra.

Todos os materiais perigosos nos satélites serão liberados no ar e irão flutuar até o chão como poeira ou em gotas de chuva.

### Empresas de telecomunicações estão criando um desastre mundial em nome do progresso tecnológico

O 5G é promovido como a próxima grande maravilha no plano de avançar a tecnologia para criar cidades inteligentes, onde tudo e todos são instantaneamente conectados em tempo real, sem atrasos ou sinais perdidos.

Claro que haverá alguns custos.

Todos serão irradiados com radiação não ionizante de tamanho milimétrico, 24 horas por dia, com efeitos sobre a saúde completamente

desconhecidos.

Os estudos destinados a investigar os danos causados pelo 5G serão concluídos muitos anos depois que os sistemas 5G no solo e no espaço forem totalmente implementados.

Neste ponto, é muito improvável que as empresas de telecomunicações desmantelem seus sistemas, mesmo se for demonstrado que sua tecnologia está causando câncer e outras doenças. Eles apenas negariam os riscos.

Eles nos dirão que a ciência foi estabelecida décadas atrás. Eles vão nos dizer que a evidência ligando 5G ao câncer e outras doenças é apenas uma teoria da conspiração que apenas alguns malucos acreditam.

Milhões de pessoas sofrerão de exposição à radiação com sintomas como dores de cabeça, fraqueza, perda da clareza mental, habilidade reduzida de aprender e raciocinar, dor no peito e inúmeros outros sintomas que confundirão a maioria dos médicos convencionais.

### Não há onde se esconder da radiação 5G

Hoje, é possível viver em um local com níveis reduzidos de exposição a microondas. Isto é conseguido através da escolha de um espaço que está longe de torres de telefonia celular.

No entanto, no futuro próximo, não importará onde vivemos, porque o 5G nos irradia onde quer que vivamos ou trabalhem.

### As cidades não poderão “dizer não” à implementação do 5G

Os regulamentos da FCC foram estruturados de tal forma que os municípios locais não podem impedir que as empresas de telecomunicações instalem o 5G. Eles são especificamente proibidos de tentar adiar ou interromper a implementação do 5G com base em problemas de saúde. Seu único recurso é tentar tornar o sistema 5G sediado no solo um pouco mais esteticamente agradável.

Com base no que vem acontecendo em todo o país, as empresas de telecomunicações estão erradicando a resistência local e obtendo aprovação para seus sistemas 5G em rápida sucessão.

### É possível parar a implementação do 5G?

Tanto quanto eu posso dizer, neste momento, a única maneira de 5G ser parado será por ação do Congresso. Se pessoas suficientes armarem um escândalo com seus representantes eleitos, então talvez o 5G possa ser colocado em compasso de espera enquanto estudos sejam feitos para examinar os verdadeiros riscos à saúde.

O investimento das telecomunicações em 5G tem sido enorme. Elas estão planejando a implementação completa no solo e no espaço nos próximos dois anos. A hora de contestar é agora e não depois que centenas de milhares de pessoas adoecerem.

Prepare-se para a radiação 5G, mesmo se você não quiser!

Fontes: <http://strangesounds.org/2019/01/5g-satellites-space-problem.html> e <https://www.diadrastika.com/2019/02/20000-doryfo-roi-5g-gyro-planiti.html>

## NOTAS EXPLICATIVAS

1- Comissão Federal de Comunicações é o órgão regulador da área de telecomunicações e radiodifusão dos Estados Unidos criado em 1934 dentro do programa New Deal. Tem como competência a fiscalização do espectro norte-americano de radiofrequência, a atribuição de canais de rádio e TV, serviços de telefonia e TV por assinatura. É composta por cinco conselheiros, que deliberam sobre todas as questões que envolvem a área da mídia eletrônica e das telecomunicações dos Estados Unidos.

Todo equipamento elétrico ou eletrônico produzido ou comercializado nos Estados Unidos deve ter um registro nesse órgão e recebe um número categorizado chamado FCCID. Esse número pode ser pesquisado para a identificação de aparelhos cujo fabricante ou modelo não é evidente.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%C3%A3o\\_Federal\\_de\\_Comunica%C3%A7%C3%B5es](https://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%C3%A3o_Federal_de_Comunica%C3%A7%C3%B5es)

Agradecemos a contribuição do Professor Francisco José dos Santos Braga – São João del-Rei/MG

# Causos Padre José Duque Novas Versões

## VOSSA ALTEZA “DUQUE DE SIQUEIRA”

Em uma das idas do Pe. José Duque em Roma planejou marcar um encontro para falar com o papa. Embora naquela época fosse mais fácil conseguir a audiência deveria ser feito um cadastro antes, pois naquele dia haviam muitos outros padres e bispos com a mesma intenção.

Nosso reverendo queria muito que este momento acontecesse. A intenção dele era conversar sobre alguns assuntos e dúvidas que trazia consigo. Imaginou que não poderia perder essa oportunidade, pois levaria dias para chegar ali. A fila estava enorme, mas continuou firme e contava com a sorte para o credenciamento chegar até ele.

Pe. José Duque compreendia um pouco de italiano, pois tinha noção quando estudou no curso de formação seminariística em Mariana. Porém, no momento de fazer o cadastro se enrolou com a língua estrangeira. Mas para não passar vergonha falou pausadamente seu nome:

\_ Padre José, e de uma só vez, Duque de Siqueira.

No mesmo instante o atendente o passou na frente e disse no idioma italiano:

\_ Wow! Abbiamo una persona molto importante tra noi, un Duca! (Nossa! Temos uma pessoa muito importante entre nós, um Duque!)

Permita-me conceder passar a frente de todos a Vossa Alteza, pois ele tem prioridade.

Pe. José Duque nem quis ratificar o dado, imaginou:

\_ Não posso perder a oportunidade de conversar com o papa.

E lá se foi ele para audiência com Sua santidade!



## CONSIDERAÇÃO SOBRENATURAL

Pe. José Duque era estimado e respeitado por muitos em São Tiago e na região devido as suas virtudes e dons. Também considerava muitos da cidade como seus amigos, sua família, inclusive os proprietários da antiga “Farmácia de São Thiago”, os senhores: Henrique Pereira Santiago e João Batista dos Reis. Sempre após as celebrações de missas e sacramentos dava uma passadinha lá para conversar.

Com o falecimento do vigário Pe. José Duque em 12/08/1955 deixou a comunidade são-tiaguense consternada pela sua partida. Na Botica os sócios Henrique e João Batista lamentavam:

\_ Quanta falta faz o Pe. José!

\_ Que saudades das suas histórias e de sua presença amiga!

Anos depois, em 09/05/1960, o farmacêutico Henrique Pereira veio a falecer vítima de um acidente vascular cerebral. Mais uma grande perda para a cidade. Morria ali o “médico dos pobres”. Logo foi feito os preparativos para o velório. Pessoas do lugar, bem como de cidades vizinhas, que se serviram dos serviços farmacêuticos do Sr. Henrique foram comunicadas sobre a morte dele.

No momento da missa de corpo presente várias pessoas vieram se despedir, rezar, trazendo no coração o reconhecimento e a gratidão pelo que ele fez e ajudou a comunidade. O vigário Pe. Francisco Elói concelebrou a missa de corpo presente com mais dois padres, o vigário de Santa Rita e o de Resende Costa.

Uma família de são-tiaguenses que viviam em São João del-Rei vieram também se despedir do farmacêutico que um dia muito lhes ajudou. Após o sepultamento foram para a casa de um parente e só voltariam para São João no outro dia pela manhã. Com a janta sobre o fogão a lenha, todos se serviram e comiam na grande mesa da cozinha. Comentava da falta que o Sô Henrique fará para a comunidade, como pessoa e farmacêutico. Um dos filhos da visita disse na mesa do jantar:

\_ Conheci todos os padres que celebraram a missa de corpo presente, o Pe. Geraldo de Santa Rita, Pe. José Epifânio de Resende Costa, Pe. Francisco Elói daqui e o vigário Pe. José Duque!

O dono da casa se espantou com o comentário e perguntou:

\_ Pe. José Duque? Não! No altar só tinha três padres! O Pe. José já faleceu faz 5 anos!

O rapaz retrucou:

\_ Assisti a missa toda e vi quatro padres no altar! O Pe. José não era aquele do lado esquerdo, mais velho, gordo e com os óculos arredondados? Vi ele lá! E não estou ficando doído!

O dono da casa ficou ressabiado, mas não quis mais falar nada... Viu que o rapaz falava com muita veracidade. Logo pensou:

\_ Amizade verdadeira dura para toda uma vida! Pe. José tinha grande amizade com o Sô Henrique. Será que ele não veio concelebrar as exéquias do amigo?

Marcus A. Santiago

